

Ensaio

HOMENS DE FIBRA SONHO DE LIBERDADE

Fotos e texto: J. Ripper/Imagens da Terra



cenário é medonho. O calor insuportável chega a mais de 60°; a fumaça provoca asfixia e a poeira do carvão entope as narinas.

Depois de uma hora de trabalho, o carvoeiro cospe preto.

Em média, eles passam mais de dez horas na rotina de abastecer, retirar carvão e colocar madeira nos fornos novamente. Durante a noite, no lugar de descansar, têm de vigiar para os fornos não explodirem. As crianças envelhecem antes do tempo.



As que conseguem ir à escola demoram de três a cinco anos para completar apenas um ano escolar. Vivem exaustas.

Sidney Pereira dos Reis, 10, sonha em jogar futebol. Sabe carregar forno, tocar fogo, descarregar, barrear. Pega no garfo, na esteira; tem orgulho do seu trabalho, mas não percebe que está perdendo a infância. Não vai à

escola, nunca vai ser jogador de futebol. Não tem casaco. “Quando fica muito frio acendo uma fogueira”, conta Sidney. Com ele trabalham mais três irmãos: Edson, 8, Alexandre, 12, Sidcley, 15. Todos “vivem” na carvoaria para ajudar a pagar a “dívida” do pai, José da Conceição, de 38 anos, responsável por fornos da Carvão Tocantins Ltda., que derruba







cerca de 680 mil árvores por mês, aproximadamente 120 hectares de floresta de pinos e eucaliptos na Fazenda Finacial, em Ribas do Rio Pardo (MS).

João Rodrigues, a esposa Alaíde Pereira e o filho Anderson, 9, trabalham para a Itaú Magnésio, em Montes Claros, no norte de Minas Gerais. Sem poder abandonar o local, sonham com uma escola rural para não verem o filho crescer analfabeto. “Pra quem vive nesse inferno o sonho é só uma forma de suportar a dor”, diz João Rodrigues, orgulhoso do garoto Anderson, que aos nove anos de idade é considerado um dos melhores carvoeiros da região.

O trabalho escravo se estende por vários outros setores da economia brasileira, principalmente nas áreas rurais; nos seringais do Acre, onde muitos são obrigados a trabalhar em troca de comida. Sempre ficam devendo aos seringalistas. No interior das fazendas, durante as derrubadas na Amazônia, principalmente no sul do Pará, os trabalhadores ficam presos no interior das florestas sob vigilância armada de

pistoleiros. Quando tentam fugir, são presos, torturados ou assassinados. Ao final de cada empreita, ao invés de receberem, ficam sabendo “no acerto de contas” que ainda devem e são levados para trabalhar em outra fazenda. Em alguns casos, entre um trabalho e outro, são colocados em pequenos hotéis onde aguardam transporte para a mata. Toda a conta da hospedagem é acrescida ao débito do trabalhador e, assim, muitos chegam a ficar até seis meses escravos dos fazendeiros.



Na região de Santana do Araguaia, sul do Pará, é comum famílias levarem meses, até anos, procurando por seus parentes escravos. Maria Francisca Cruz, 43, mãe de sete filhos, nunca mais encontrou seu marido José Alves de Souza. Ele foi levado pelo empreiteiro Francisco das Chagas, em Santana do Araguaia, para trabalhar na Fazenda Bacuri. “Até hoje não recebi notícias nem dinheiro dele. Falam que morreu gente por lá, outros conseguiram fugir. Até agora ele não voltou”.

Em outras regiões, em atividades diferentes, não chega a existir a presença do pistoleiro armado. Porém, não existe outra opção ao trabalhador rural senão a de trabalhar em situações terríveis, verdadeira escravidão moderna. Adultos e crianças trabalham de sol a sol, em troca de R\$ 2 a R\$ 5 por semana nas pedreiras em vários municípios baianos, como Retirolândia. A prefeitura é quem compra a produção para usar nas construções da cidade. Em Valente, município vizinho, a exploração ocorre nos sisais. Naquela região se registra o maior índice de mutilação do mundo. Nos últimos três anos, mais de cem sisaleiros tiveram membros esmagados e perderam dedos, mãos e até braços nas arcaicas máquinas que transformam o sisal em fibra.



